



Primeira parte

E DEPOIS?

A GRANDE QUESTÃO DA VIDA

A gente vive, pensa, age. Isso é fato. E que um dia a gente morre também é. No entanto, a pergunta que não quer calar é: para onde vamos quando tudo isso aqui acaba? O que acontece do outro lado? A gente melhora ou piora? Continuamos sendo “nós mesmos” ou simplesmente deixamos de existir? Ser ou não ser. Tudo ou nada. Viver para sempre ou desaparecer sem deixar rastros.

Não existe ideia
mais desesperadora
do que a do “nada
absoluto”.

Pensa comigo: todo mundo quer viver, ser feliz, amar. Se alguém que está muito doente recebe a notícia de que vai viver mais tempo e, melhor ainda, que vai ser mais feliz, o coração dessa pessoa dispara de alegria. E qual seria o sentido de sonhar com a felicidade se, a qualquer momento, tudo pudesse simplesmente... puf... acabar?

Não existe ideia mais desesperadora do que a do “nada absoluto”. Imagina só: todo o seu esforço para ser uma pessoa melhor, para aprender coisas novas, para controlar seus impulsos, todos os seus afetos e tudo aquilo que você construiu em sua mente – tudo isso – seria perdido para sempre. Se fosse assim, para que se esforçar? A vida de um animal, que só vive o presente, seria muito melhor. Lá no fundo, porém, uma voz nos diz que isso não pode ser verdade.

O perigo de acreditar no “nada”

Quem acredita que a morte é o fim de tudo, naturalmente, foca todo o seu tempo e sua energia na vida presente. E isso leva a uma conclusão perigosa: “se só tenho esta vida, vou pensar primeiro em mim”. Essa ideia é o maior combustível para o egoísmo. O raciocínio vira: “vamos curtir ao máximo, porque depois não tem mais nada. E vamos curtir logo, porque não sabemos quanto tempo temos”.

Daí para o próximo passo é um pulo: “vamos curtir, não importa quem saia prejudicado. Cada um por si”. Se uma pessoa não teme nenhuma consequência depois da vida, o que a impede de fazer o que bem entende, desde que não seja pega pela lei dos homens?

Se existe uma ideia que pode destruir os laços de união e respeito que formam uma sociedade, essa ideia é a de que não existe nada após a morte.

Um exemplo prático

Allan Kardec conta o caso de um jovem de 18 anos com uma doença grave. Os médicos disseram que ele teria, no máximo,

mais dois anos de vida. Ao saber disso, o que ele fez? Largou os estudos e se jogou em todos os excessos possíveis. Quando o alertavam sobre os riscos, ele respondia: “E daí? Se só tenho dois anos, de que adianta estudar? Quero mais é me divertir até o fim”.

Essa é a consequência lógica de quem acredita no nada. Agora, se esse jovem fosse espírita, ele pensaria diferente: “A morte vai levar só o meu corpo, que é como uma roupa velha. Meu Espírito vai continuar vivo. E a minha vida futura vai ser o resultado do que eu fizer de mim mesmo agora. Tudo o que eu aprender e todas as qualidades que eu desenvolver não serão perdidas. Cada defeito que eu superar é um passo em direção à felicidade. Então, é do meu interesse aproveitar bem o tempo que me resta”.

Qual das duas formas de pensar parece melhor para você?

O Espiritismo como resposta

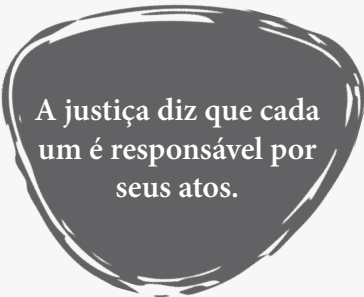
É nesse cenário de dúvidas que o Espiritismo surge. Ele não vem apenas com argumentos e discursos, mas com fatos. Ele nos mostra, de forma clara e observável, que a alma existe e que a vida continua.

Claro, cada um é livre para acreditar no que quiser. No entanto, quem usa sua influência para espalhar a ideia do “nada”, especialmente entre os jovens, está plantando sementes de desordem e assume uma responsabilidade enorme.

Outras ideias e suas consequências

Além do “nada absoluto” (materialismo), existem outras teorias. Uma delas diz que nossa alma é uma “gota” de uma inteligência universal. Quando nascemos, pegamos essa gota emprestada. Quando morremos, a devolvemos ao “oceano” e perdemos nossa identidade. Na prática, o resultado é o mesmo: se você perde sua identidade, é como se não existisse mais. E a pergunta continua: se somos todos gotas do mesmo oceano, por que somos tão diferentes? Por que existe o gênio e o ignorante, a pessoa boa e a pessoa cruel? Essa teoria não explica isso.

Outra ideia é o panteísmo, que diz que tudo é Deus. Cada ser, cada planta, cada pessoa seria uma “molécula” de Deus. Se isso fosse verdade, Deus seria um conjunto de partes imperfeitas e estaria sempre mudando. E, mais: se cada um de nós é uma parte de Deus, ninguém seria responsável por seus atos. Não haveria motivo para fazer o bem.



A justiça diz que cada
um é responsável por
seus atos.

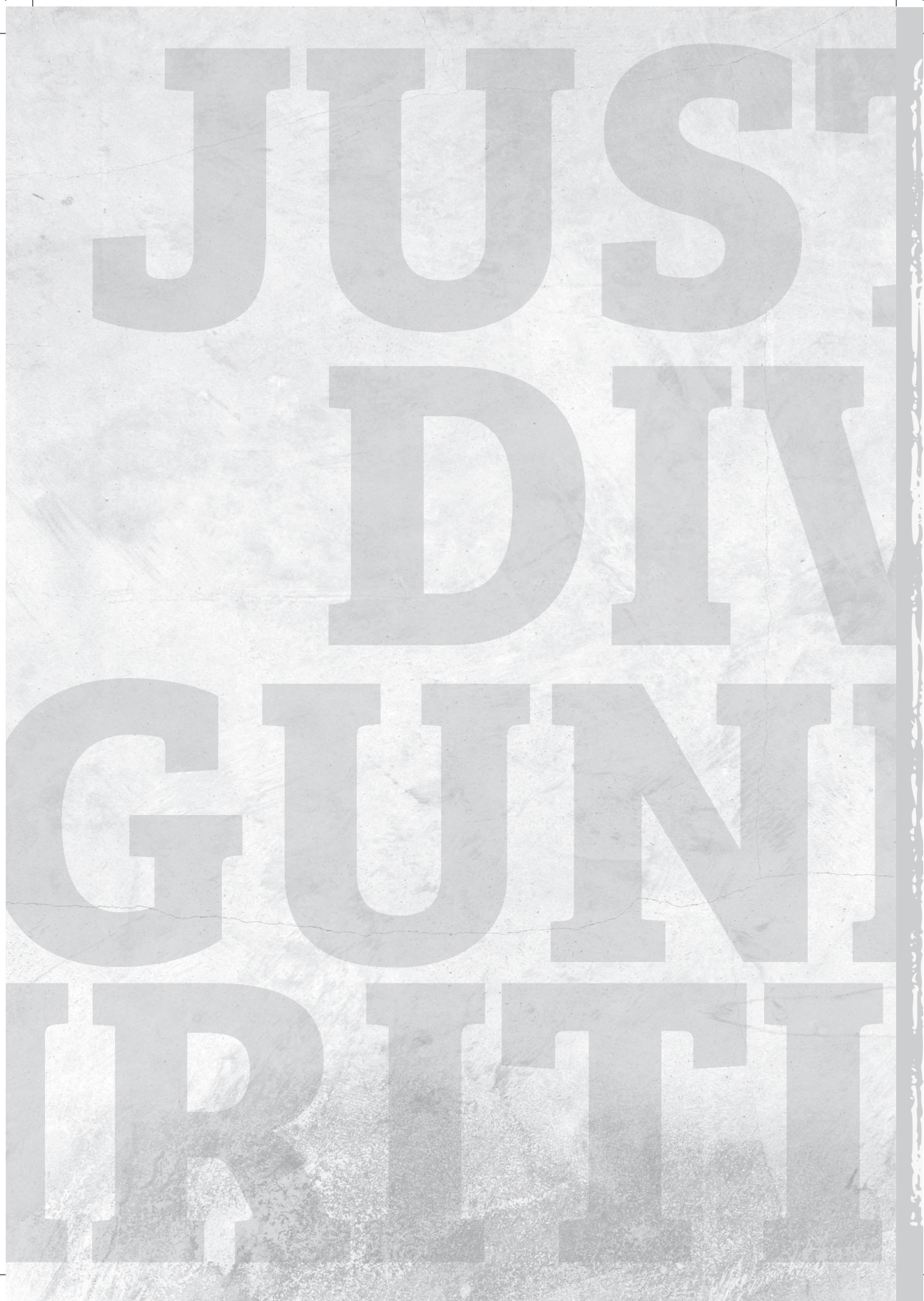
A lógica nos leva a outro caminho

Nenhuma dessas ideias se sustenta quando a gente para para pensar de verdade. A lógica nos leva a uma única conclusão, que é a base de quase todas as religiões desde sempre: nossa alma é individual e sobrevive à morte do corpo.

Se somos indivíduos, nosso futuro depende de nossas escolhas e de nossas qualidades. Não faria sentido a alma de um criminoso ter o mesmo destino da alma de uma pessoa de bem. A justiça diz que cada um é responsável por seus atos. Assim, para haver responsabilidade, precisa haver liberdade de escolha, ou seja, livre-arbítrio.

O Espiritismo vem para preencher o vazio que muitas pessoas sentem. Ele oferece um futuro lógico, justo e que combina com a ideia de um Deus bom e sábio. Ele não pede fé cega; convida à razão e apresenta os fatos. É por isso que ele é acolhido por tantos que buscam respostas e não se contentam mais com o “acredite porque é assim”.

Ao entendermos nosso futuro de forma clara, damos um passo gigante em direção à tolerância e, quem sabe, um dia, à união de todos em torno dessa verdade fundamental.



JUST

DIV

GUNN

PRINT